

WITTGENSTEIN E A TRANSCENDÊNCIA DA LINGUAGEM: O CAMPO MÍSTICO NO *TRACTATUS LOGICO- PHILOSOPHICUS*

MARCELO MEIRA ALVES

Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
mcello90@hotmail.com

VINICIUS MALTA VIEIRA

Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
viniciusmalta@ig.com.br

Resumo: O grande filósofo do século XX, Ludwig Wittgenstein, se preocupou com o estudo da linguagem, seus limites e sua transcendência. A essa transcendência deu o nome de místico. O campo místico é aquele inefável, que mostra o que a linguagem não consegue exprimir. A ética e a religião estão intimamente ligadas ao místico, e é nele que o ser humano encontra o sentido para vida, onde as palavras não se tornam mais necessárias. A experiência realizada no místico não pode ser dita, apenas se mostra. Diante de tais questões deve-se manter o silêncio.

Palavras-chave: Inefável. Linguagem. Limites. Místico.

1 Introdução

Ludwig Wittgenstein foi um dos grandes pensadores do século XX, mais conhecido pela realização da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (*TLP*), de 1921. Tendo em conta a relevância de seu pensamento no campo filosófico, contribuiu com a lógica, filosofia da linguagem, filosofia da mente, dentre outras. No *Tractatus*, Wittgenstein aborda como a linguagem consegue representar o mundo, sendo que esta se encontra limitada. O autor acredita que quando os limites da linguagem são ultrapassados, aí se dá o místico.

O *Tractatus Logico-Philosophicus* foge às normas comuns a textos de filosofia. O leitor ao ter o primeiro contato com o *Tractatus* se encontrará diante de um texto complexo. As sentenças são colocadas em forma de aforismos que, por sua vez, são organizados de acordo com sete aforismos essenciais, os quais são desmembrados por Wittgenstein. Contudo, não impede o leitor de encontrar um mesmo tema em aforismos diferentes, como, por exemplo, no aforismo 3.032 onde leitor se encontrará diante de uma abordagem acerca da linguagem, que, por sua vez, será apresentada novamente no aforismo 3.343, podendo evidenciar assim, a importância de cada proposição.

O objetivo primordial de Wittgenstein, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, é explicar de que maneira a linguagem pode descrever o mundo, através das proposições que representam os estados de coisas. A partir do momento que não se consegue expressar algo por meio da linguagem representativa do mundo, há uma transcendência da linguagem que passa do estado do dizer para o mostrar, ou seja, vai além dos limites cosmológicos os quais, para Wittgenstein, é onde se encontra o campo místico, aquele que é inefável.

Nos últimos aforismos do *Tractatus*, Wittgenstein vai explicitar a questão mística. Diz que “há por certo o inefável. Isso se mostra, é o místico” (*TLP*-6.522). O místico poderá se revelar, mas não se exprimir, sobretudo em forma de linguagem, assim, é o inefável, o inexprimível. Em outro aforismo, ele colocará em questão da ética como um valor que não se deixa ser expresso em proposições, sendo, dessa maneira, transcendente. Ele também irá propor uma associação entre o místico e Deus, propondo que a solução para os problemas dos fatos não está no mundo, nem mesmo pode ser encontrada por meio da linguagem, mas fora dele. Sendo assim, Deus encontra-se nesta posição de silêncio - místico.

Wittgenstein encerra seu livro com o último aforismo que resume e explica o místico, o limite da linguagem, o dizível, apontado nos aforismos

anteriores, dizendo que “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (TLP-7).

2 A linguagem como representação do mundo

O tema central do *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) é a tentativa de explicar o mundo através da linguagem. Para Wittgenstein, a questão mais importante era “o que pode ser dito?”. Wittgenstein acredita que há uma linguagem perfeita baseada na lógica e que uma proposição é uma representação figurativa dos fatos na qual, através dela, se é capaz de representar um estado de coisas real ou possível. A lógica determinará a composição da linguagem que, por sua vez, seria a representação do mundo, um espelho. Assim, “a lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. A Lógica é transcendental” (TLP-6.13). Tudo o que compõe o campo lógico da linguagem é possível e pensável, pois não há nenhuma possibilidade de descrever nada fora do campo lógico, uma vez que é nele que tudo pode ser dito com sentido.

Wittgenstein aborda aspectos ontológicos tais como: “O mundo é tudo que é o caso, o mundo é a totalidade dos fatos” (TLP-1-1.1). Sendo o mundo tudo o que é caso, ou seja, a totalidade dos fatos - tudo o que é contingente - afirma que não existe um mundo de coisas, mas da coisa inserida em um fato, sendo que tudo o que é pensável é possível, mesmo que este pensável não seja possível em mundo real, o será em um mundo imaginário como, por exemplo, a imagem de uma fada: não existe em um mundo real, mas existe no mundo da fantasia. Ao dizer, *livro* não tem um sentido propriamente dito, somente um conceito, mas ao dizer, o garoto está lendo o *livro*, a sentença é dotada de sentido, pois está inserida em uma totalidade de fatos e esta ligação entre os objetos pode ser entendida como estado de coisas. Acerca desta questão, Oliveira (2009, p. 55) diz que:

A referência no *Tractatus* aos estados de coisas aparece logo no aforismo dois, quando o seu autor lida com a definição do que é o caso. As proposições 2.01 e 2.072 explicam que os estados de coisas originam-se de combinações ou configurações de objetos, posto que estes se articulam e se firmam no interior daqueles à maneira dos elos de uma corrente. Ademais, Wittgenstein afirma que os estados de coisas são independentes entre si e a existência de um não implica ou depende da existência de outro. Segundo a teoria tractatiana, no mundo fático não existe necessidade, apenas possibilidade.

Para Silva (2012), “O estado das coisas pode ser entendido como sendo a constante modificação que ocorre com todas as coisas existentes em decorrência das relações entre essas coisas”. A coisa em si não constitui o mundo, mas a relação entre essas coisas resultará no estado de coisas, e “é essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas” (*TLP-2.011*), formando assim os fatos. “O mundo resolve-se em fatos” (*TLP-1.2*).

A totalidade dos fatos é algo que tem uma implicação para linguagem, sendo que esta, por sua vez, se dá através do pensamento que extrai do mundo os fatos. Com base na ontologia de Wittgenstein acerca da representação do mundo através dos fatos, há também a representatividade da realidade que se dá através da relação mundo, pensamento e linguagem. O homem, segundo Wittgenstein, é capaz de representar o mundo através de proposições que correspondam à realidade. Como no aforismo 4.021: “A proposição é uma figuração da realidade: pois sei qual é a situação por ela representada, se entendo a proposição. E entendo a proposição sem que seu sentido me tenha sido explicado”.

A linguagem é, portanto, o conjunto de formas lógicas explicadas através de proposições possíveis para representar os fatos.

2.1 Limites da linguagem

Para Wittgenstein a linguagem, assim como o pensamento, deveria ter limites, ou seja, ele pretendia estabelecer uma linha que dividiria o que pode ou não ser pensado e até que ponto a linguagem pode expressar o pensamento. No *Tractatus* ele expressa essa ideia e deixa claro que há coisas das quais não se pode falar, pois elas não estão no campo do dizível, apenas se mostram a nós. Imaginemos uma experiência religiosa na qual a pessoa que está participando diz ter vivido momentos sobrenaturais na qual não consegue explicar ou descrever. Esta experiência se mostra a essa pessoa e o autor acredita, como citado no aforismo 4.1212 dizendo que “o que pode ser mostrado não pode ser dito”. Wittgenstein afirma que quando não se consegue expressar algo por meio da linguagem representativa do mundo esta já tenha chegado a seu limite.

A Linguagem tem a função de descrever a realidade. Wittgenstein acredita que nada pode ser manifesto se não pela linguagem e que “os limites da linguagem significa os limites do mundo” (*TLP-5.62*). A linguagem é expressa através das proposições, representação lógica dos fatos, havendo assim uma relação entre linguagem e mundo, sendo a linguagem a totalidade das proposições. Portanto, o meu mundo se limitará no meu dizível.

3 Campo místico: além dos limites da linguagem

Tendo a linguagem alcançado seus limites, Wittgenstein afirma que terá alcançado o campo místico cujo aquele é o inefável¹, inexprimível, que pode ser mostrado, mas não pode ser dito. Conforme Japiassú e Marcondes (2008), “a palavra Mística do latim *mysticus*, do grego *mystikósé*, algo relativo aos mistérios [...] crença na existência de uma realidade sobrenatural e misteriosa, acessível apenas a uma experiência privilegiada -

¹ Cf. ABBAGNANO. N., Na filosofia contemporânea Wittgenstein, na conclusão do *Tractatus Logico-Philosophicus* (1922), Admite a existência do Inefável: “Realmente o inexprimível existe. Ele se mostra, è aquilo que é místico. (*Tractatus*, 6.522).

o êxtase místico - uma intuição ou sentimento de união com o divino, o sobrenatural, o misterioso” (p.189).

Segundo Wittgenstein, o místico é algo que só conseguiremos atingir, ou o abandono da escada após ter subido por ela, quando tivermos a consciência de não compreensão das proposições representativas do mundo. Só após essa consciência, poderemos saber que alcançamos os limites da linguagem para, então, entrarmos no campo da mística.

No aforismo 6.522, Wittgenstein afirma que “há por certo o inefável. Isso se mostra, é o místico”, colocando em questão a inefabilidade da mística que se mostrará ao homem, exceto pela linguagem. Segundo Spica (2010, p. 115), “o místico aparece como aquilo que se refere ao *que* do mundo. O místico é o espanto, o assombro diante da ideia de que há mundo e de que a expressabilidade de sua existência é totalmente absurda”.

Como falar da natureza do mundo através da linguagem? Como expressar a existência? “Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão” (*TLP*- 6.5). Para Wittgenstein, se não temos como responder uma questão que esteja além dos limites da linguagem, essa pergunta não pode ser feita. Poderíamos pensar nos mistérios após a morte, mas qualquer tentativa de resposta seria inútil, pois não há como provar através de proposições algo que provém do campo místico, desta maneira, qualquer tentativa de expressar a existência, a morte ou qualquer outra questão mística seria absurda. Ele critica o ceticismo quando diz que “o ceticismo não é irrefutável, mas manifestamente um contra-senso, se pretende duvidar onde não se pode perguntar.” (*TLP*- 6.51). Sobre questões como a existência, Deus e mundo, é no campo místico que se deve encontrar refúgio.

Quando o ser humano vive a experiência mística, acaba descobrindo que essa experiência é algo sublime, que não poderá ser compartilhado. O indivíduo que alcança o místico entra em estado de silêncio, pois contempla algo maior que o estado de coisas, uma vez que está fora dele. Este sentimento de contemplação é algo inexprimível e se mostra como uma

atitude que a razão não consegue explicar. Wittgenstein em conversa² com seu amigo Engelman acerca desse poema, do poeta alemão Uhland, coloca em questão como por meio do dizível podemos expressar algo indizível com a frase: “o inexprimível se mostra de maneira inexprimível naquilo que é expresso”. Como colocado em outros parágrafos do presente artigo, o místico é inefável e não conseguiremos expressá-lo sob a forma de linguagem, no entanto, Wittgenstein, como foi apresentado acima, aponta como as experiências místicas vão-se fazer presentes no mundo, mesmo que não colocados em linguagens.

Portanto, segundo o filósofo Wittgenstein, o místico é uma dimensão sublime e quem nela está, encontrara-se em estado de silêncio, onde a inefabilidade é uma característica fundante. Nesta dimensão transcendental ao mundo dos fatos é onde se encontram respostas como, por exemplo, para questões existenciais, que não serão encontradas em outro lugar senão no campo místico.

3.1 Sentido do mundo deve estar fora dele

O sentido para o mundo, segundo Wittgenstein, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, não está no mundo, mas fora dele. No aforismo 6.44 do *TLP*, Wittgenstein vai dizer que “o místico não é como o mundo é, mas que ele é”, afirmando que o místico não é *como* mundo é, vai colocar em questão o fato de que o mundo é possibilidades e, ao expressar, mas *que* ele é, o autor coloca em questão o místico como a percepção do mundo. Este *que* do mundo pode ser entendido como uma das questões fundamentais

² Cf. MARGUTTI, P., (2012) Ocorre que Engelmann encontrou certa vez um poema de um poeta alemão pouco conhecido, chamado Uhland . Esse poema fala sobre um conde que lutou nas Cruzadas e que, numa determinada ocasião, encontrou um cipreste pequeno no front. Pegou um galho da planta e prendeu-o ao seu capacete, usando-o nas batalhas. Quando retornou para casa, o cipreste foi plantado e cresceu, virando uma árvore. O poema termina com o conde já idoso, sentado embaixo dessa árvore que havia plantado. Engelmann ficou impressionado com o texto, e fez um comentário com Wittgenstein a respeito. O filósofo concordou com a avaliação de Engelmann e, ao responder, afirmou que o inexprimível se mostra de maneira inexprimível naquilo que é expresso.

para o campo místico. Os humanos, desde os tempos antigos, deram nomes aos objetos e definições a cada um, segundo lhes coubessem, e estes nomes se tornaram conceitos universais. Hoje, quando se pensa no objeto *cadeira*, há em nós uma representação do objeto, não importa quão detalhada ele seja, pois tal objeto pode ser representado com proposições lógicas. Mas, para Wittgenstein, quando falamos em mundo não temos como conceituá-lo, posto que está além do limite da linguagem.

Cientificamente, estamos procurando possibilidades para explicar o mundo. Enquanto questionadores que somos, vivemos a procurar o sentido para sua existência. É nesse momento de questionamento que nos deparamos com o místico. É no campo místico que o homem se refugia, pois acredita que além do que se pode ver, há algo muito maior. O ser humano anseia por um sentido para sua vida, mas não sabe que, como diz Wittgenstein (2001, p.275):

O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há *nele* nenhum valor e se houvesse, não teria nenhum valor. Se há um valor que tenha valor, deve estar fora de todo acontecer e ser-assim. Pois todo acontecer e ser-assim é casual. O que o faz não casual não pode estar *no* mundo; do contrário, seria algo, por sua vez, casual. Deve estar fora do mundo.

65

Na citação 6.41 do *Tractatus* Wittgenstein colocará em questão a importância da dimensão mística, que ocupa um lugar para as explicações do mundo, mesmo que esta não se nivele ao mundo factual.

Conforme o aforismo 6.521 “percebe-se a solução do problema da vida no desaparecimento desse problema”. De acordo com a abordagem de Wittgenstein, só nos damos conta do desaparecimento dos problemas do mundo dos fatos quando os mesmos já não estão presentes e, mesmo assim, não conseguiremos explicá-los em forma de linguagem, pois estes foram encontrados em um campo sublime sob o qual cada um terá sua própria experiência ou respostas para os problemas existenciais. É no campo místico, o inefável, que nos refugiamos para buscarmos as soluções

dos problemas da vida. Segundo Oliveira (2009), “o místico tractatiano se identifica com a porção indizível e única capaz de fundar as ações humanas e de dar sentido último à vida do homem e à existência do mundo” (p. 90).

Enfim, a vida se torna mais fácil quando descobrimos um sentido para ela e é a partir de então que conduziremos nossas ações. Este sentido se encontra no campo místico, é impossível de ser descrito.

4 A ética se faz presente no místico

A ética é um conjunto de valores que orienta cada individuo e que por ela será regido a agir. A ética é individual e se dá no campo místico, pois as questões éticas não se fazem presentes nos fatos, mas para além deles. Na ética não existem proposições, logo não há como representar uma experiência realizada no campo místico, como apresentado por Margurtti Pinto (2012, p.236):

Suponhamos que haja proposições éticas. Como tais, elas devem ser capazes de exprimir o que há de mais elevado, a saber, os valores e, por meio deles, o sentido da vida. Ora, isso só seria possível se os valores fizessem parte do mundo. Todavia, se isso acontecesse, os valores seriam fatos. Nesse caso, eles seriam meramente acidentais e não teriam valor algum. Portanto, as proposições éticas são impossíveis. Isso não significa, contudo, que a ética não exista. Na verdade, ela aponta para algo que, embora seja importante em nossas vidas, não se deixa exprimir.

As proposições tem a função de representar de forma lógica os fatos, a ética, por sua vez, por não fazer parte do mundo factual e nem poder se expressar sob a forma de linguagem. Não caberá, assim, a associação dos valores éticos em proposições. Em sua conferência sobre ética, Wittgenstein (2012) expõe que “a Ética, na medida em que brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência [...]”, colocando a ética como sendo algo sublime, ela, portanto, não pode ser usada por meio de

linguagem e nem usada para provar algo empiricamente, pois seria incoerente afirmar que a ética tenha tal pretensão.

Para Wittgenstein, a ética tem como objetivo esclarecer o sentido da vida, e é ela que deve orientar a maneira correta de viver. O filósofo austríaco adjetiva a ética como dotada de valores relativos ou absolutos. Assim, quando digo que determinado objeto é bom, uso de um valor relativo, baseado em experiências empíricas para provar tal proposição. Quando digo que a minha *escrivaninha* é boa, tomo como base qualidades, tais como, durabilidade e conforto. Estas são propriedades que poderei prová-las empiricamente. Diferente dos valores relativos, os valores absolutos tomarão como base os valores éticos, baseados nas experiências místicas, conforme o aforismo 6.42 do *Tractatus*: “é por isso que tampouco pode haver proposições na ética. Proposições não podem exprimir nada de mais alto”.

Quando estudo o dever - atitude ética - do homem não tenho como explicar através de proposições, pois este dever se encontra no campo místico e se faz inefável. Da mesma forma, quando se trata de um problema moral que atinge a humanidade, o mesmo não tem sua resolução no mundo dos fatos, mas para além deles.

Desta maneira, a ética é um valor absoluto, segundo Wittgenstein, como explicitado no aforismo 6.421, “É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental” Sendo assim, a ética não poderá se exprimir por meio da linguagem, pois esta é inefável.

5 Deus como uma questão mística

Como abordado anteriormente, aquilo que está para além do mundo dos fatos se faz presente no místico, isto já é nítido. E vale ressaltar que questões como a ética e a religião fazem parte desta dimensão sublime. Wittgenstein coloca Deus como um conceito de absoluto, que faz parte do

místico e, como tal, não pode ser explicado como se explica um fato do mundo. Segundo Marciano Adílio Spica (2010, p. 121):

Deus e ética, por outro lado, estão fora desta esfera capaz de ser representada pela linguagem factual. Optar pelo mandamento divino é optar pelo fim de tentativas equivocadas do racionalismo de compreender conceitos éticos e religiosos como se fossem fatos capazes de serem figurados por uma linguagem significativa.

A questão religiosa não poderá ser explicada, pois ela é inefável. Mas muito além da inefabilidade e de não poder representá-la na linguagem, que representa os fatos do mundo, ela se mantém em um patamar em que a razão não poderá alcançar. Não caberá a nós encontrarmos respostas às questões religiosas nos fatos, e tão pouco explicá-las, apenas demonstrá-las.

O levantar dos problemas pelo ser humano acerca da existência, que, por sua vez, não serão encontrados no mundo, mas fora dele, sobretudo na relação religiosa para justificar certos problemas, é, para Wittgenstein, o momento em que haverá uma ligação entre o indivíduo e Deus - Altíssimo. O indivíduo buscará suas soluções em Deus, no místico, mas Deus não se revelará nos fatos, como expõe Wittgenstein (2001, p. 279), nos aforismos 6.432 e 6.45 do *Tractatus*:

Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo. Os fatos todos fazem parte apenas do problema, não da solução. O Místico não é como o mundo é, mas que ele é. A intuição do mundo sub specie aeterni é sua intuição como totalidade – limitada. O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico.

O autor desde a sua juventude era religioso e acreditava que a fé muda a vida das pessoas e sua maneira de viver, e que esta mudança está além das palavras, pois se encontra na prática e se mostra a cada dia. Para ele, essa mudança deve ter mais efeito do que nossas palavras. Todos, frente a um problema, temos o livre-arbítrio de fazermos escolhas boas ou

escolhas más e, para Wittgenstein, a bondade vem de Deus. Então, para fazermos escolhas certas, devemos depender Dele.

Para ele “*Deus não se revela no mundo*” (TLP. 6.432), pois está além dele. Assim como a ética, a religião não pode ser dita através de fatos e não pode ser explicada de forma racional ou científica, pois está no campo místico. Sobre o que não podemos falar, devemos manter respeito.

6 Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar

O filósofo Ludwig Wittgenstein encerra o *Tractatus* com o aforismo 7 que explicita “*sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar*”. Desta maneira, a ética, a religião e o místico se tornam absurdos quando tentamos explicar usando a linguagem e temas como estes, não devem ser deixados de lado.

Ao decretar que as proposições sobre o místico, sobre Deus, sobre a ética e sobre a estética são todas absurdas do ponto de vista dos requisitos lógicos para a construção de proposições significativas, Wittgenstein não está descartando os “objetos” dessas proposições como coisas grotescas ou sem importância. Ao contrário, está sugerindo que a ética, a estética e a dimensão mística são transcendentais - não estão ao alcance de nossa linguagem. Desse modo, a melhor atitude em relação a essas coisas transcendentais seria a de manter um respeitoso silêncio³.

As experiências místicas que se fazem inefáveis nos faltam às palavras e, neste momento do ápice místico, em que quanto mais perto estamos de Deus, de encontrarmos respostas aos problemas do mundo, é que entramos em estado de silêncio e, desta maneira, mantemo-nos calados frente aquilo que não podemos falar.

7 À guisa de conclusão

³ Texto extraído da página da Wikipédia, em 2012.

Desta maneira, o intuito principal do presente artigo foi abordar a questão mística, segundo o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, com base na sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Abordamos, no primeiro momento, as questões relacionadas à linguagem, que se fazem presentes no mundo, representando o mesmo por meio de proposições. Colocamos ainda que, de acordo o aforismo 1.1 “o mundo é totalidade de fatos e não das coisas” e que a linguagem tem assim os seus limites, concluindo o que autor do *TLP* entende por linguagem.

Em seguida, foi colocada a questão da ultrapassagem dos limites da linguagem, que, quando realizada, por não conseguir explicar as questões do mundo dos fatos, é que sentimos a necessidade do rompimento dessa barreira, para, então, chegarmos ao campo místico. Sendo o místico inefável, inexprimível, sublime, ele aparece como aquilo a que se refere ao que do mundo (Cf. SPICA, 2010, p. 115), o refugio do ser humano quando não encontra respostas no mundo factual.

As questões existenciais, tais como o sentido da vida, que, por sua vez, não poderá ser explicado cientificamente, tem sua resolução, segundo o autor do *Tractatus*, no campo místico, pois esse sentido está fora do mundo. Depois de encontrado o sentido para vida, esse sentido é impossível de ser transmitido por meio de linguagem para o mundo dos fatos, mas através da ética, que é transcendental e se faz presente no místico, este sentido será esclarecido e seremos orientados a agir corretamente. Daí se dá a explicação de que o místico não se diz, mas se mostra.

Enfim, concluímos fazendo uma abordagem da questão religiosa presente no místico. Para o autor, a religião é mais do que um conjunto de doutrinas, é algo que deve ser mostrado por meio da prática e que através dela deve haver uma mudança de vida. Conforme foi abordado, Wittgenstein afirma que Deus não se revela no mundo, pois está além do mesmo e que, assim como a ética, a religião não pode ser explicada. Portanto devemos nos calar frente às questões místicas.

Referências

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

WIKIPÉDIA. **Ludwig Wittgenstein**; Disponível em:< www.wikipedia.org >. Acesso em: 22. Jan.2012.

MARGUTTI PINTO, P. R. **A religiosidade mística em Wittgenstein**. www.ihuonline.unisinos.br, 2012.

_____. **Iniciação ao silêncio**: uma análise do *Tractatus* de Wittgenstein como forma de Argumentação. In: OLIVEIRA, Adriano José de. *A sublimidade do inefável: o místico no Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. Belo Horizonte: FAJE, 2009.

OLIVEIRA, Adriano José de. **A sublimidade do inefável**: o místico no *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. Belo Horizonte: FAJE, 2009.

SILVA, Jeferson Luis da. **Filosofia da linguagem**: Ludwig Wittgenstein. Disponível em:< www.jeferson.Silva.nom.br>. Acesso em: 14. Jan. 2012.

SPICA, Marciano Adílio. Místico versus misticismo: reflexões sobre o místico de Wittgenstein em comparação ao Misticismo religioso caracterizado por James. **Princípios**, v.17, n.27, jan./jun. 2010, p.113-136.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Conferência sobre Ética**. Disponível em: < www.ufsc.com.br > Acesso em: 26. Set. 2012.